

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR  
JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR

ESTUDOS, ENSAIOS  
E  
DOCUMENTOS

XXVII

MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS  
NA ÁFRICA NEGRA

por  
SILVA E CUNHA



LISBOA — 1956

## INDICE

1. Esboço de uma classificação.....	7
2. Associações místico-religiosas.....	8
3. A Watch Tower.....	31
4. Associações com fins mutualistas ou cooperativistas .....	34
5. Associações com fins políticos .....	35
6. A estrutura e as características tradicionais das sociedades negras	36
7. Efeitos da colonização europeia .....	39
9. Enquadramento e interpretação das associações estudadas .....	47
9. Conclusões .....	49
<i>RÉSUMÉ</i> .....	53
<i>SUMMARY</i> .....	55
<i>BIBLIOGRAFIA</i> .....	57

## 1. Esboço de uma classificação <sup>(1)</sup>

As organizações existentes que interessam a este estudo são de três tipos:

- a) Associações místico-religiosas;
- b) Associações com fins mutualistas ou cooperativistas;
- c) Associações com fins políticos.

As associações místico-religiosas e as associações com fins mutualistas, ou cooperativistas, existiam já nas sociedades negras primitivas. Em resultado do contacto com o Europeu, as associações místico-religiosas antigas, primeiro transformaram-se, no seu conteúdo, mantendo as formas primitivas; depois, por toda a parte, cederam o passo a associações novas, que se originaram, quase sempre, no ensino das religiões protestantes.

Estas novas associações costumam agrupar-se sob a designação comum de *movimentos messiânicos ou proféticos* <sup>(2)</sup>.

As associações mutualistas e cooperativistas primitivas revestiam carácter de associações profissionais (confrarias ou corporações), de que são exemplo as associações de caçadores, de pescadores e de ferreiros. Recentemente, porém, começaram a surgir

<sup>(1)</sup> Trabalho do Centro de Estudos Políticos e Sociais.

<sup>(2)</sup> V. GEORGES BAI^ANDIER, *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*, Paris, 1955, pp. 417 e segs., e *Messianism.es et nationalismes en Afrique Noire*, in *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. xvi, 8.º ano, 1953, pp. 41 e segs.

outras de tipo diferente, de base étnica, que tentam agrupar, com fins de previdência e assistência imediatos todos os elementos da mesma tribo.

Estes dois tipos de associações, além dos fins religiosos e de auxílio mútuo, geralmente prosseguiram também fins políticos.

As sociedades místico-religiosas de forma e conteúdo primitivos desempenhavam uma função política, enquanto eram um meio de defesa da pureza dos costumes tribais e, portanto, um meio de lutar contra as causas de desagregação da tribo. As associações místico-religiosas de forma primitiva e conteúdo novo apresentam-se como uma reacção contra a situação colonial.

O mesmo carácter têm também as associações profético-messiânicas que se baseiam na interpretação da *Bíblia* por um *profeta* que, como novo Messias, vem anunciar uma era de prosperidade para os Negros, em que estes receberão a compensação dos sofrimentos resultantes do domínio dos Brancos. Estas associações aparecem, pois, como um rudimento de movimento nacionalista, de reacção contra o Branco e com carácter reivindicativo.

As associações com fins exclusivamente políticos são um produto da civilização europeia. Surgiram principalmente depois da última guerra e a sua manifestação mais perfeita é constituída pelos partidos políticos de negros que se formaram em alguns territórios africanos.

## 2. Associações místico-religiosas

### A) *Associações místico-religiosas de forma e conteúdo primitivos.*

As associações místico-religiosas primitivas existiam em quase todos os grupos étnicos africanos.

As mais conhecidas são as que se denominam «seitas anióticas», ou sociedades secretas dos homens leopardos, que existiram e existem em toda a África Ocidental e no golfo da Guiné, desde o Senegal até ao norte de Angola, no Congo Belga e no Tanganica (<sup>1</sup>).

(<sup>x</sup>) A expressão «seitas anióticas» foi vulgarizada por P. 13. JosET, no seu livro *Les sociétés secrètes des hommes-léopards en Afrique Noire*, Paris, 1955. A expressão «anióticas» deriva de «anioto», tradução de homens--leopardos em língua indígena da região de Stanleyville (v. *ob. cit.*, p. 17\* nota 1).

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

Para se dar uma ideia da sua expansão, reproduz-se uma carta de Africa, em que vêm assinaladas as suas zonas de acção.



Os adeptos destas seitas tomam várias designações, conforme os territórios, mas todas têm de comum o adoptarem nomes de animais ferozes.

Assim, na Guiné Francesa, no Congo Belga, na Costa do Ouro e na Nigéria, usam o nome de «homens leopardos»; no Gabão denominam-se «homens-panteras»; na Serra Leoa «homens-crocodilos» e «homens-leopardos»; no Tanganica, «homens-leões», etc.

Embora variando nos fins e na organização, todas as seitas deste tipo têm de comum simularem ataques de feras, para o que os seus membros usam disfarces e instrumentos de ataque apropriados, ferindo e matando, com o fim de atingirem os objectivos que prosseguem. Estes são, geralmente, de carácter místico-religioso e político, pois, como se disse, estas associações destinavam-se a punir os desvios dos usos e costumes tradicionais da tribo.

Depois da ocupação europeia, operou-se uma transformação destes objectivos, passando as seitas a funcionar como verdadeiras organizações criminosas, encarregadas de executar vinganças individuais ou colectivas ao serviço de notáveis indígenas influentes (i).

As sociedades ou seitas anióticas não passam, porém, de uma manifestação da tendência geral verificada em toda a África Negra para a constituição de sociedades secretas.

Todos os autores que se ocupam do estudo das civilizações africanas apontam, como característica comum das organizações sociais dos negros, a existência de sociedades secretas com fins diferentes, mas sempre com origem mágico-religiosa (2).

RENÉ MATJNER, analisando a tendência para a constituição de sociedades especiais dentro das sociedades totais africanas, refere-se às sociedades secretas, que define da seguinte maneira:

«Agrupamentos voluntários, fundados entre iniciados que conservam o segredo da iniciação, não o revelando aos outros habitantes, nem mesmo aos parentes; agrupamentos escondidos, agrupamentos mascarados e que desempenharam nestas regiões (de África) uma importante função económica e política» (3).

A função económica traduzia-se na cobrança de verdadeiros impostos, extorquidos pelo terror.

As funções políticas traduziam-se na defesa da unidade da tribo, sempre que a coesão do grupo diminuía por qualquer causa (guerras, dificuldades económicas, etc).

(1) V. P. E. JOSSET, ob. cit., *passim*.

(2) Veja-se, p. e., H. BAUMANN e D. WESTERMANN, *Les peuples et les civilisations de l'Afrique suivi de les langues et l'éducation*, Paris, 1948.

(3) RENÉ MAUNIER, *Sociologie coloniale*, n. 1949, p. 247.

*B) Associações místico-religiosas de forma -primitiva e conteúdo novo. O caso especial dos Mau-Mau.*

Como sucedeu em relação às sociedades anióticas, estas funções foram-se modificando em consequência do contacto com o Europeu. Simultaneamente, foram-se formando sociedades novas, com o mesmo carácter mágico-religioso, mas que já são produto da nova situação social criada pelo encontro das culturas europeia e africana.

Estas sociedades conservam a forma das sociedades místico-religiosas primitivas, mas são de conteúdo inteiramente novo, apresentando-se predominantemente com o carácter de reacção contra a situação colonial.

BALNDIER dá notícia de uma curiosa sociedade deste tipo surgida depois da última guerra no sul da África Equatorial Francesa, no Alto Congo — a sociedade do culto *Ngól*.

A palavra *Ngól* é uma corrupção de De Gaulle e relaciona-se também com a palavra *Ngòlò*, que significa força e poder. A escolha desta denominação foi determinada pelo prestígio conquistado pelo general De Gaulle na África Equatorial, depois da adesão desta, sob o comando de Félix Eboué, ao movimento da França livre.

Os fins do movimento são, no plano religioso, unir numa só organização todas as actividades dos cultos animistas e das sociedades secretas; no plano político, dar coesão às sociedades negras, superando os limites restritos da organização clânica.

Os adeptos do movimento no momento da iniciação ingerem uma droga que, crêem, lhes decuplicará as forças e obrigam-se à fraternidade, a lutar contra a feitiçaria, o roubo e o adultério e a respeitar os tabus tradicionais em matéria de relações sexuais.

E um movimento de gente nova que luta contra a tirania dos velhos, procurando reconstruir em novas bases os quadros tribais.

É nesta categoria que se integra a associação dos Mau-Mau, da tribo Kikuyo, do Kénia (<sup>1</sup>).

(\*) Acerca da origem da designação há muitas dúvidas entre os autores. Segundo IfEAKY, que se baseia num inquérito directo junto de membros da tribo Kikuyo (*Mau-Mau and the Kikuyu*, p. 95), a palavra não tem qualquer significação, pois foi pura e simplesmente inventada para designar o movimento. Segundo outros autores, porém, teria origem na designação de um monte — o monte Mau — da cordilheira de Aberdare, onde Kenyata

Na verdade, esta organização, pelos princípios, práticas e métodos, assemelha-se às associações místico-religiosas primitivas.

Difere, porém, delas porque é um movimento de reacção contra a cultura e o domínio europeus. É, portanto, também, um produto do contacto cultural provocado pela colonização, não se podendo consequentemente integrar nas organizações místico-religiosas primitivas.

Não é também um movimento de carácter profético ou messiânico, porque lhe faltam os elementos cristãos que se encontram nestes movimentos. Pelo contrário, tem carácter exclusivamente feiticista e combate o cristianismo, como parte integrante da cultura europeia, embora se possam encontrar elementos de ligação entre o aparecimento dos Mau-Mau e a formação de organizações de tipo profético e messiânico.

Por se tratar da manifestação mais importante dos movimentos profético-messiânico, deter-nos-emos um pouco na análise das suas origens, fins, organização e métodos de acção.

As causas determinantes do movimento são complexas. Para facilidade de exposição agrupá-las-emos pela forma seguinte:

- a) Causas de ordem económica;
- b) Causas de ordem social;
- c) Causas de ordem religiosa;
- d) Causas de ordem política.

*a) Causas de ordem económica:*

As causas de ordem económica consistem fundamentalmente nas dificuldades de vida resultantes do extraordinário crescimento demográfico da tribo Kikuyo.

se refugiou durante algum tempo. Os emissários por ele enviados aos chefes das células regionais do movimento usavam como senha o nome do monte. Quando se apresentavam pronunciavam a palavra Mau, a que os destinatários respondiam com a mesma palavra. Daí Mau-Mau (HENRY DE MON-FREID, *Sous le Masque Mau-Mau*, p. 13). Outra explicação é a de que a expressão teria qualquer significado misterioso relacionado com a antiga religião e a tradição dos Kikuyo. Seria provavelmente a designação de qualquer sociedade secreta existente antes da chegada dos europeus ao Kénia (C. T. STONEHAM, *Mau-Mau*, p. 23).



## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

As novas gerações, não encontrando terras disponíveis em extensão suficiente, atribuíram a responsabilidade das dificuldades experimentadas à colonização europeia, que teria originado a espoliação dos Kikuyos, em favor dos colonos europeus.

Embora a acusação fosse injusta, bem explorado o argumento por chefes hábeis, criou um espírito geral de revolta que facilitou a rápida expansão do movimento.

### *b) Causas de ordem social:*

Estas são, fundamentalmente, a destruição da estrutura tribal, o abandono dos costumes tradicionais e a prática da segregação racial.

A destruição da estrutura tribal, libertando as novas gerações da obediência aos velhos chefes, tornou possível a sua integração em novos quadros. Por outro lado, quanto aos velhos, pela esperança no retorno aos velhos costumes kikuyos, facilitou em muitos casos a adesão ao movimento.

O abandono dos usos e costumes tribais é consequência directa da destruição da estrutura tribal e o que acima se disse é-lhe aplicável. Há, porém, um aspecto especial a pôr em relevo e que adiante desenvolvermos.

Os costumes tradicionais tinham sempre origem e significado religioso. O seu abandono significava o abandono da religião kikuyo. Assim se abria no espírito dos homens da tribo um vazio que fácil foi preencher com uma doutrina que fazia apelo às suas tendências religiosas.

Por último, a política de segregação seguida pela administração, e praticada pelos colonos na convivência com os nativos, tornou possível que kikuyos de cultura europeia (alguns graduados por universidades inglesas) tomassem a iniciativa de lançar um movimento emancipador da sua raça e de reacção contra a presença europeia, que era olhada apenas como opressora, pois lhes impedia o que consideravam seu direito — o acesso na escala social pela integração na sociedade dos colonos.

### *c) Causas de ordem religiosa:*

Estas são talvez as que mais profundamente contribuíram para que o movimento tivesse o rápido surto, a grande expansão e a violência que o caracterizou.

Os Kikuyo acreditavam na existência de Deus, que designavam por *Ngai, Muene Nyaga e Murungu*.

Para o propiciar praticavam sacrifícios de animais.

Com a chegada dos Europeus, maravilhados com a civilização que estes lhes davam a conhecer, os Kikuyos facilmente foram levados a concluir que o seu Deus era inferior ao Deus dos brancos.

Daqui resultou um enfraquecimento das crenças tradicionais, que se acentuou à medida que se ia intensificando a acção das missões religiosas.

Este abandono das crenças antigas não foi, porém, compensado por uma integração total no cristianismo.

As missões fizeram larga difusão do seu ensino, baptizaram muitos kikuyos, mas muitos, a maior parte, embora cristãos de nome, não o eram realmente.

Simultaneamente, à medida que se ia expandindo a instrução literária e que os nativos iam podendo conhecer directamente a *Bíblia*, que fora traduzida em Kikuyo, o princípio do livre exame, factor comum de todas as igrejas protestantes, ia produzindo os seus efeitos. Os Kikuyos concluíram que entre o que os missionários lhes ensinavam e o que liam na *Bíblia* havia grandes divergências. As maiores respeitavam à poligamia e aos sacrifícios sangrentos

No *Velho Testamento* a poligamia aparecia referida como instituição legítima. Os sacrifícios de animais eram um processo corrente de propiciar a Deus. Quanto à poligamia, não encontravam também no *Novo Testamento*, pela boca de Jesus, uma condenação directa e formal.

Por outro lado, os exemplos dos colonos não eram os de bons cristãos, segundo o modelo ensinado pelos missionários.

A liberdade de costumes das sociedades coloniais britânicas e o amor das libações copiosas davam lugar a formas de vida que deixavam perplexos os novos cristãos, entre o que viam praticar os Brancos e o que lhes ensinavam os missionários.

A esta ordem de factores acresce o sentimento de revolta das gerações mais novas, contra a situação criada pelas causas de ordem económica e social já indicadas.

A consequência imediata desta série de circunstâncias foi a criação de igrejas separatistas negras, como a African Orthodox Church of Kenya e a Kikuyu Independent Pentecostal Church.

Na origem da criação destas igrejas estava o sentimento de insatisfação religiosa dos kikuyos que as missões não tinham conseguido converter na plena acepção da palavra.

Este sentimento foi habilmente aproveitado pelos chefes dos Mau-Mau, que deram ao movimento o carácter de movimento religioso, o que explica o fanatismo e a violência dos seus adeptos.

Eram o fanatismo e a violência dos primeiros prosélitos de um novo credo!

*d) Causas de ordem politica:*

Toda esta longa série de factores foi aproveitada por alguns chefes educados pelos Ingleses, à inglesa. É universalmente conhecido o nome de Jomo Kenyata, que se pode apontar como símbolo.

As razões da sua actuação são explicadas em grande parte pelo ressentimento provocado pela política de segregação.

Este ressentimento levou-os a procurarem lançar um movimento de tipo nacionalista e, para tanto, porventura, a aproveitar o auxílio de conhecidas forças antiocidentais. Não há elementos concretos sobre estas ligações. Os Ingleses, se obtiveram provas delas, não as publicaram. No entanto, é quase certo que existem.

A primeira manifestação de uma organização destinada a enquadrar os Kikuyos foi criada em 1922 e denominou-se Kikuyu Central Association (K. C. A.). Esta associação, reconhecida legalmente, acabou por ser proibida, por se verificar que se dedicava a fomentar a revolta contra os Ingleses.

Em sua substituição foi criada a Kenya African Union (K. A.U.), que se manteve até ao aparecimento dos Mau-Mau e que lhes serviu de capa legal.

Os chefes da primeira associação foram, além de Kenyata, Jesse Karinki e Joseph Kangetha.

Kenyata, que fora o secretário-geral da K. C. A., veio a ser presidente da K. A. U.

Na prática, a associação só mudou de nome. Sob o seu disfarce realizaram-se sessões de propaganda e cerimónias de iniciação em massa, adestraram-se quadros, forjou-se o plano de acção e elaborou-se a doutrina.

Passamos a seguir à análise dos fins do movimento, elemento indispensável para sua compreensão.

Segundo o autor que mais proficientemente se ocupou do estudo dos Mau-Mau, tais fins eram os seguintes:

- a) Recuperar a terra de que tinham sido espoliados pelos Brancos.
- b) Obter o *self-goverment*.
- c) Aniquilar o cristianismo.
- d) Restaurar, na medida do possível, os antigos costumes.
- e) Expulsar ou subjugar os estrangeiros.
- f) Acabar com os trabalhos de defesa do solo contra a erosão.
- g) Desenvolver a educação laica <sup>(x)</sup>.

Estes objectivos demonstram como tudo foi cuidadosamente estudado e como os chefes souberam adaptar-se à psicologia das massas que queriam movimentar.

Com efeito, os organizadores dos Mau-Mau foram de encontro às tendências mais profundas do meio social que queriam agitar. Dizendo que lutavam pela recuperação de terras de que tinham sido espoliados pelos Brancos, iam de encontro ao sentimento de revolta que já descrevemos; pregando a aniquilação do cristianismo, iam de encontro à insatisfação religiosa, a que também aludimos, porque apresentavam o movimento como uma nova religião — a verdadeira religião dos Kikuyos adaptada aos tempos modernos <sup>(2)</sup>.

A enunciação destes dois objectivos tinha por fim atrair tanto os velhos como os novos. Destinada especialmente aos primeiros, era a promessa da restauração dos antigos costumes; para satisfazer a ânsia de progresso das gerações novas, prometia-se desenvolver a educação laica <sup>(3)</sup>.

Para se ver até que ponto ia a preocupação de tornar o movimento atraente para todas as camadas da população, refere-se que a aparente incongruência que representa prometer a abolição dos trabalhos de conservação e defesa do solo resulta de se querer dar alguma coisa, em especial, às mulheres.

Como é sabido, na organização económica das populações da África Negra os trabalhos agrícolas são realizados por elas.

<sup>(x)</sup> L. S. B. LEAKEY, *Defeating Mau-Mau*, Londres, 1954, p. 21.

<sup>(2)</sup> LEAKEY, *ob. cit.*, pp. 41 e segs.

<sup>(3)</sup> A referência expressa ao carácter laico de educação destinava-se a acentuar, mais uma vez, o carácter anticristão do movimento, visto que o ensino dos indígenas no Kénia estava principalmente a cargo das Missões.

Prometendo acabar com as obras de defesa e conservação do solo, o mesmo era, portanto, que prometer aliviá-las de uma parte bem pesada das tarefas que lhes cabiam no sistema económico dos Kikuyos.

Quanto aos dois outros objectivos, obter o *self-government* e expulsar ou subjugar os estrangeiros, são os objectivos gerais do movimento.

Se se quiser usar uma linguagem rebuscada, mas expressiva, pode dizer-se que são os fins últimos, enquanto os restantes são fins instrumentais.

A seu respeito observa-se que o primeiro (*self-government*) exprime directamente a influência das correntes anticolonialistas do após-guerra. Era defendido pelos chefes do movimento e pelas gerações novas que tinham tomado conhecimento do anticolonialismo, naqueles pontos onde ele se encontrava mais activo, pois, integradas nas tropas britânicas, haviam combatido no Norte de África<sup>(\*)</sup>.

O segundo, denunciando embora uma tendência xenófoba indiscriminada, respeitava especialmente aos Europeus. Quanto aos Asiáticos, contava-se até com o seu auxílio, o qual efectivamente foi prestado, principalmente em informações, dinheiro e armas. Pelo menos, enquanto o movimento não triunfasse, tinham de contar com eles, e por isso os poupavam.

(\*) Jomo Kenyata, embora veladamente, já em 1938 previa a emancipação da África em geral e em especial do Kénia. Veja-se o prefácio do seu livro *Facing Mount Kenia*, publicado pela primeira vez em Londres em 1938 e com duas edições posteriores, ambas de 1953. É particularmente elucidativa a seguinte passagem: «I know that there are many scientists and general readers who will be disinterestedly glad of the opportunity of hearing the Africans' point of view, and to all such I am glad to be of service. At the same time, I am well aware that I could not do justice to the subject without offending those «professional friends of the African» who are prepared to maintain their friendship for eternity as a sacred duty, provided only that the African will continue to play the part of an ignorant savage so that they can monopolise the office of interpreting his mind and speaking for him. To such people, an African who writes a study of their kind is encroaching on their reserves. He is a rabbit turned proacher. But the African is not blind. He can recognise these pretender to philanthropy, and in various parts of the continent he is waking up to realisation that a running river cannot be dammed for ever without breaking its bounds. His power of expression has been hampered, but it is breaking through, and will very soon sweep away the patronage and repression which surround him».

Conhecidas as causas e os fins gerais do movimento, passamos a expor o esquema da organização que o pôs em acção.

Como já se referiu, o instrumento que permitiu a sua criação foi a Kikuyu Central Association (K. C. A.), a que sucedeu a Kenia African Union (K. A. U.).

Sob o disfarce desta última é que os Mau-Mau se organizaram e actuaram durante os anos de 1951-52.

A organização foi delineada tomando como modelo a organização política tradicional dos Kikuyos.

A autoridade superior pertencia a um conselho central. Este era representado nas reservas e distritos kikuyos por comissões executivas. Estas, por sua vez, tinham sob sua autoridade conselhos correspondentes às pequenas unidades políticas.

Além destes conselhos, a que competiam as funções directivas gerais, foram criadas organizações com fins puramente sociais, como a Kikuyu General Union, o Kikuyu Club, a Kikuyu Musical Society, etc.

As principais funções dos conselhos eram: transmitir e fazer executar as ordens e instruções superiores, alistar adeptos e iniciá-los, fazendo-os prestar juramento, reunir fundos, dirigir a propaganda e reunir informações acerca dos kikuyos leais ao Governo.

Cada conselho era composto por nove membros (presidente, vice-presidente, secretário, vice-secretário, tesoureiro e vice-tesoureiro e três vogais). Cada membro tinha um substituto. Ao serviço de cada conselho existia um corpo de *askaris* ou polícias, cujas funções eram: transmitir mensagens, assistir às cerimónias de iniciação e administrar castigos corporais (que podiam ir até à morte) aos que se recusavam a participar nelas, recolher informações, etc. Estes corpos de polícia estavam armados e eram recrutados principalmente entre criminosos.

Anexos a cada conselho funcionavam tribunais de justiça.

Para as comunicações entre as diferentes unidades existia uma cifra. Para assegurar as informações acerca dos Europeus foi determinado que adeptos dos Mau-Mau se colocassem como serviços domésticos, como serventes dos serviços públicos, etc. (J).

(\*) Segundo conta RUARK [*Le Carnaval àes Dieux*, Paris, 1955 (título em inglês: *Something of Value*)], em Nairobi nunca houve tanta facilidade em recrutar bons criados como a partir da época em que começou a preparação dos Mau-Mau.

Para terminar esta análise do movimento referir-se-á, também na generalidade, a prática e métodos usados para a propaganda, alistamento e iniciação de adeptos e para a luta contra os Europeus.

Tudo o que se escreveu sobre causas, fins e organização dos Mau-Mau contribui para compreender as formas de actuação adoptadas.

O Mau-Mau pretendia ser um movimento religioso de retorno às tradições tribais e de \_\_\_\_\_ contra o Europeu.

Na organização dos seus métodos e práticas procurou, por isso, cercar-se de uma auréola de misticismo primitivo fanático e de violência, utilizando o terror para intimidar tanto nativos como europeus, porque assim mais difícil se tornaria aos primeiros resistir ao alistamento e aos segundos defender-se contra os ataques.

O facto de estes resultados não se terem conseguido completamente deve-se, por um lado, à impaciência dos Mau-Mau mais exaltados, que precipitaram o início das *operações* antieuropeias, por outro, à pronta reacção dos colonos, enquanto as autoridades ainda hesitavam, e à resistência dos kikuyos cristãos, que se mantiveram na sua quase totalidade leais aos Ingleses.

Para a propaganda utilizavam dois métodos diferentes: a propaganda individual, directa: a propaganda junto das massas.

O primeiro processo usava-se apenas para o recrutamento dos quadros e da polícia, ou *askaris*.

A propaganda do segundo tipo começou a ser posta em prática utilizando as reuniões da K. A. U. Como estas reuniões eram públicas e a elas assistiam elementos da polícia inglesa, a propaganda não se fazia nos discursos e discussões.

Revelando um profundo e subtil conhecimento da maneira de ser e psicologia dos nativos, os *leaders* Mau-Mau utilizavam o processo dos cânticos colectivos.

Para esse efeito, modificaram a letra dos hinos cristãos das missões, embora mantendo-lhes os mesmos títulos.

Como esses hinos eram cantados em kikuyo, tornava-se difícil aos Europeus que assistiam às reuniões apreender o seu sentido.

Por outro lado, o valor emocional do canto colectivo, tão apreciado pelos Negros, produzia os seus efeitos, e, por este

processo, como dizia um dos *leaders*, o que não entrava pela cabeça entrava pelo coração <sup>(1)</sup>.

A iniciação fazia-se em cerimónias colectivas em que a parte essencial era constituída por um solene juramento, segundo um rito que era uma adaptação do rito tradicional do juramento kikuyo.

Dado o valor que, segundo os costumes tribais, o juramento revestia para os Kikuyos, assim se conseguia uma forte vinculação ao movimento, mesmo quando o juramento era extraído por métodos coercitivos.

A influência intimidativa do juramento só escapavam os kikuyos que real e sinceramente se haviam convertido ao cristianismo. Era por intermédio destes que as autoridades britânicas conseguiam ter notícias da marcha do movimento e colher as informações necessárias para actuar.

Havia sete fórmulas diferentes correspondentes a sete graus de compromisso.

A primeira, a mais simples, era a usada para a grande massa de adeptos. Implicava normalmente apenas deveres negativos (não dificultar a acção dos adeptos da sociedade, não os denunciar, não auxiliar os agentes do Governo). As fórmulas dos graus seguintes eram mais complexas e implicavam deveres positivos, cuja gravidade aumentava progressivamente, em função do grau a que correspondiam.

Da cerimónia dos juramentos dos graus mais elevados faziam parte cenas atrozes, destinadas a impressionar o espírito dos iniciados e a dar-lhes a conhecer os sofrimentos que os esperavam, se faltassem aos compromissos assumidos.

Por curiosidade transcrevem-se as fórmulas de juramento do 1.º e do 2.º graus:

*1.º grau:* «Não darei a conhecer os segredos desta sociedade; Não ajudarei o Governo a prender membros desta sociedade; Não venderei terra a estrangeiros».

(\*) IĪEAKĪY, *ob. cit.*, pp. 53 e segs. Talvez não seja inoportuno recordar que de há muito a experiência ensinou aos missionários que a música e o canto são um poderoso elemento de atracção que predispõe os pagãos à catequese. Pense-se nos métodos adoptados pelos jesuítas no Brasil.



## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

Por vezes alguns deveres positivos eram incluídos nesta fórmula, como, por exemplo:

«Ajudarei a sociedade, com dinheiro, quando me for pedido; Prestarei auxílio aos membros da sociedade, quando me for pedido» (\*).

2. " grau: «1. Se for chamado para o fazer, com quatro outros, matarei um europeu;  
2. Se for chamado para o fazer, matarei um kikuyo inimigo dos Mau-Mau, mesmo que seja minha mãe ou meu pai, irmão ou irmã, esposa ou filho;  
3. Se for chamado para o fazer, ajudarei a esconder o corpo de uma pessoa assassinada, por forma a que nunca possa ser encontrada;  
4. Nunca desobedecerei às ordens dos chefes da sociedade»<sup>(2)</sup>.

Os juramentos terminavam sempre pela declaração: «Se eu faltar a este juramento, o juramento matar-me-á».

As fórmulas dos juramentos dos graus superiores variavam muito.

Transcrevem-se a seguir duas, que não conseguimos averiguar a que grau correspondem:

- «1.º Se me mandarem trazer a cabeça do meu irmão, este juramento matar-me-á e toda a minha família, se o recusar;  
2.º Se me mandarem trazer o dedo e a orelha de minha mãe, este juramento matar-me-á e a toda a minha família, se me recusar;  
3.º Se me mandarem trazer a cabeça de um europeu, este juramento matar-me-á e a toda a minha família, se me recusar;  
4.º Se me não submeter ao juramento dos Mau-Mau, este juramento matar-me-á;

(\*) LEAKEY, *ob. cit.*, p. 81.

(\* LEAKEY, *ob. cit.*, p. 82.

SILVA E CUNHA

- 5.º Se revelar os esconderijos dos meus irmãos, este juramento matar-me-á;
- 6.º Se vir um dos meus irmãos roubar um europeu, juro não o denunciar ou este juramento matar-me-á;
- 7.º Se pronunciar uma só palavra para salvar um europeu, este juramento matar-me-á»<sup>(1)</sup>).

«Se receber ordem de trazer a cabeça de um europeu, juro trazê-la, ou este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se for chamado de noite pela minha confraria e estiver nu, partirei nu, ou este juramento matar-me-á e a toda a minha família; e se trair a minha confraria, este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se vir um dos meus irmãos de sangue roubar um europeu, juro nada dizer, ou este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se não afirmar em todas as circunstâncias que todo o meu país pertence aos Kikuyo, este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se mandar os meus filhos às escolas do Governo branco, este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se mandar os meus filhos às escolas cristãs, este juramento matar-me-á e a toda a minha família.

Se for chamado para correr em socorro de Jomo Kenyata, juro obedecer, ou este juramento matar-me-á e a toda a minha família»<sup>(2)</sup>.

O método de luta compreendia duas fases distintas: a preparação e o combate.

A preparação abrangeu a propaganda na massa e o treino de chefes e de guerrilhas.

<sup>(1)</sup> HENRY DE MONPREID, *Sous le Masque Mau-Mau*, Paris, 1956, p. 193.

<sup>(2)</sup> ROBERT C. RUARK, *Le Carnaval des Dieux*, p. 245.

A propaganda já vimos como se realizou. O treino de chefes e de guerrilhas realizou-se nas montanhas e foi dirigida principalmente por antigos soldados.

O combate supunha o ataque às *farms* e postos de polícia isolados e aos kikuos leais aos Ingleses, para espalhar o terror e conseguir armas, e um ataque maciço, que não chegou a realizar-se, porque, como se disse, a precipitação de alguns adeptos mais exaltados obrigou a antecipar o início das operações. Quando, em 1954, foi determinado no Kênia o estado de emergência e começou o ataque sistemático aos Mau-Mau, a organização destes ainda não se tinha completado. Por isso, o êxito das forças do Governo, apesar de todos os obstáculos que encontraram, pôde conseguir-se com muito mais facilidade e rapidez (<sup>1</sup>).

*C) Associações místico-religiosas de tipo -profético ou messiânico.  
As igrejas separatistas:*

A formação e expansão destas associações é uma das manifestações mais características das transformações socio-culturais produzidas pela colonização europeia em África.

Apresentando-se na origem com carácter essencialmente religioso, rapidamente se transformam em movimentos com fins políticos, revestindo a forma de nacionalismos rudimentares, mas vigorosos.

A área de expansão destes movimentos cobre quase toda a África ao sul do Sara, com manchas mais carregadas na África Central, nos territórios do sul do Congo Belga e da África Equatorial Francesa e na União Sul-Africana.

Definindo tais movimentos, escreve BALANDIER : «Trata-se de agrupamentos religiosos formados por secessão a partir das missões cristãs (de onde a qualificação de igrejas separatistas), ou criados por imitação daquelas e cujo elemento central é uma personalidade profética que anuncia uma espécie de *idade de ouro*. Tais agrupamentos, que exercem um grande poder de atracção, parecem instáveis enquanto igrejas organizadas, mas duradouros quanto às necessidades que satisfazem e aos fins que prosseguem. As igrejas nascem e desaparecem, mas o movimento messiânico mantém-se

(\*) Acerca dos Mau-Mau veja-se, além das obras citadas, J. F. LIPSCOMB, *White Africans*, Londres, 1955, e EXSPETH HUXLEY e MARGERIE PERHAM, *Race and Politics in Kenya*, 2.ª ed., Londres, 1956.

com notável permanência há várias décadas. O fenómeno tem simultaneamente significado cultural e representa uma reacção contra a introdução, em grande parte coerciva, de elementos culturais estranhos — e sociológicos —, pois revela um retomar de iniciativa da sociedade dominada e manifesta uma tentativa de reorganização social» (1).

A primeira iniciativa no sentido da criação de uma igreja negra teve lugar em 1892, com a fundação da Igreja Etiópica, na União Sul-Africana.

LEENHARD, citado por BALANDIER, considera que esta denominação tem significado e valor político, pois indicava que uma sucessão apostólica ligava a nova igreja à Etiópia da *Bíblia* e à sua tradição cristã.

Assim se oferecia aos indígenas um cristianismo africano e se eliminava o receio de que se tratasse de uma crença importada. Pelo contrário, convidavam-se a aceitar a nova doutrina e a trabalhar pelo seu desenvolvimento individual, para conseguir o sucesso da sua raça(2).

Para apoiar o movimento, o fundador procurou unir-se com a Igreja Metodista Episcopal Americana, formada por negros.

A aliança não produziu os efeitos que dela se esperavam e em breve a unidade do movimento se quebrou. O modelo de uma igreja negra sul-africana, porém, ficou.

As novas igrejas que posteriormente se fundaram conservaram o mesmo carácter essencial e têm um dogma comum — *a Africa para os Africanos*.

Hoje existem na União Sul-Africana cerca de oitocentas igrejas deste tipo, que se dividem em dois grupos com caracteres bem diferenciados, entre os quais se situam igrejas com carácter intermediário: o grupo das *igrejas etiópicas* e o grupo das *igrejas sionistas*.

As igrejas do primeiro grupo são as que se conservam mais ligadas à doutrina ensinada pelas missões religiosas, limitando o mais possível a influência de elementos culturais tradicionais.

Os seus objectivos são: afirmar a possibilidade da sobrevivência de uma igreja negra, independentemente da influência europeia, e criar um centro de vida política activo, fomentando a formação de um nacionalismo banto.

(1) BALANDIER, *Sociologia actuelle de L'Afrique Noire*, pp. 420 e 421,.

(2) BALANDIER, *ob. cit.*, p. 421.

As igrejas do segundo tipo caracterizam-se pelo sincretismo que nelas se verifica dos elementos cristãos e gentílicos.

Pregam o regresso à tradição africana e anunciam, com base em interpretações da *Bíblia*, uma era de prosperidade para a raça negra, que será o regresso a uma felicidade vivida antes do domínio europeu.

a) *Kimbangismo*:

O primeiro movimento profético-messiânico verificado no-Congo Belga foi de iniciativa de um nativo congolês — Simão Kimbango — e iniciou-se em 1921.

Simão Kimbango nasceu em 24 de Setembro de 1889, no Congo Belga, e foi educado numa missão inglesa de Thysville. Destinado à carreira eclesiástica, ficou reprovado nos exames para pastor e isso o determinou a separar-se da missão.

Data daí o início do seu proselitismo, pois, declarando-se tocado pela Graça de Deus em 18 de Março de 1921, começou a anunciar possuir poderes excepcionais semelhantes aos de Cristo.

A sua aldeia natal — Nsamba — passou a denominar-se Nova Jerusalém e Kimbango declarou-se profeta, enviado e filho de Deus. Passou a denominar-se *Ngunza*, palavra quicongo que significa tudo isto ao mesmo tempo, para exprimir que em si reunia o Pai, o Filho e o Espírito Santo (\*).

O movimento rapidamente conquistou adeptos e expandiu-se em toda a região fronteiriça do Congo Francês e de Angola.

A doutrina pregada apoiava-se na *Bíblia*, de onde eram aproveitados principalmente os elementos de protesto e revolta, aceitava das religiões tradicionais o culto dos antepassados e combatia as práticas de magia e de feitiçaria.

(\*) A palavra, traduzida à letra, significa *vidente* ou *profeta*. Por vezes ao kimbangismo também se dá o nome de *gunzismo*. Note-se que este último termo por vezes se usa com o significado geral de movimento profético ou messiânico.

Em dois artigos publicados na revista *Portugal em Africa*, fala-se no *gunzismo* como se se tratasse de um movimento diferente do kimbangismo, e com características específicas, o que nos parece manifestamente errado. (V. *Seitas secretas no Congo*, pelo P.<sup>c</sup> ANTÓNIO RODRIGUES PINTASSILGO, S. Sp., e *Religiões acatólicas em Angola*, por HERCULANO DE OLIVEIRA, S. Sp., respectivamente nos n.<sup>os</sup> 60 (1953) e 73 (1956)).

O ritual era constituído pelo baptismo, a prática da confissão e cânticos.

Rapidamente o movimento tomou o carácter de reacção contra o Branco e provocou incidentes que levaram as autoridades belgas a intervir.

Kimbango foi preso em 14 de Setembro de 1921 e condenado à morte. A pena foi-lhe, porém, comutada para desterro para o Katanga, onde morreu.

A recordação de Kimbango manteve-se e novos movimentos apareceram que pretendem ser a continuação do kimbangismo. Um desses movimentos foi a Missão dos Negros, de que se trata a seguir.

*b) Missão dos Negros:*

O kimbangismo expandiu-se para as regiões fronteiriças do Congo Francês e de Angola.

No Congo Francês foi-se manifestando com intermitências, até que, em 1939, aparece um novo profeta — Simão-Pierre M' Padi —, anunciando-se como continuador de Kimbango.

Não abundam os elementos de informação acerca de M' Padi. Parece, porém, ser natural de Angola <sup>(x)</sup>.

A actividade do novo profeta iniciou-se em 1936, ano em que, como Kimbango, recebeu a inspiração de Deus.

M' Padi adoptou os nomes de Simão-Pierre para pôr em evidência a sua participação na pessoa do messias congolês Simão Kimbango e, simultaneamente, a sua qualidade de apóstolo fundador da igreja.

Ao movimento por ele fundado foi dado, a princípio, o nome de Missão dos Negros e, depois, o de *Nzambi Kaki* (Deus Kaki), por motivo da cor dos uniformes adoptados pelos fiéis.

A organização estava perfeitamente hierarquizada, pertencendo o lugar supremo ao chefe dos apóstolos, auxiliado por três ajudantes.

Subordinado ao chefe dos apóstolos existia um conselho de doze apóstolos, assistido por igual número de ajudantes. A este conselho competia a direcção, coordenação e fiscalização do movi-

<sup>(x)</sup> BALANDIER, *Sociologie actuelle de VAfrique noire*, p. 447, atribui-lhe a nacionalidade belga. Parece, porém, ser súbdito português, nascido em Maquela do Zombo.

mento e a doutrinação. Sob a sua direcção actuavam cento e vinte apóstolos de competência regional e trezentos para a acção nas aldeias.

Todos os membros da hierarquia usavam uniforme de caqui em cuja manga se ostentavam divisas designativas do grau ocupado. Os trezentos apóstolos usavam gravata encarnada.

Os objectivos da organização eram:

a) Servir de quadro para a reestruturação em novas bases dos nativos, superando as distinções clánicas e tribais;

b) Dar às populações a consciência da sua autonomia e promover o seu progresso e desenvolvimento.

A organização tem, portanto, fins políticos e é de carácter totalitário, pois implica a rotura de relações com as missões religiosas europeias e o abandono das práticas tradicionais.

Estes caracteres revelam-se pelo abandono do simbolismo cristão (*a cruz é abandonada porque Deus nos separou de Jesus Cristo e as imagens são criação dos Brancos*) e pelo combate ao feiticismo e às práticas idólatras.

Simão-Pierre M' Padi, como Simão Kimbango, foi perseguido e preso. Tendo conseguido fugir, refugiou-se durante algum tempo em território português, havendo notícias de ter residido na área de Maquela do Zombo. Regressado ao Congo Belga, foi aí novamente preso, tendo-lhe sido fixada residência em determinado lugar, onde morreu.

Os movimentos proféticos, no entanto, continuaram e de outro passamos a dar notícia (<sup>1</sup>).

d) *Lassismo*:

Em 1908 nasceu em N'Goio (Ponta Negra) Eassy Simon Zéphérin, filho de dois indígenas da tribo Vili.

Não há notícias sobre a forma como decorreu a sua infância, mas parece ter ficado a recordação de ser uma criança fora do normal e de ter frequentado uma missão católica.

A juventude foi agitada. Serviu na marinha mercante, esteve mobilizado durante a última guerra, foi *boxeur* profissional, percorreu a Europa e a América e viveu durante algum tempo em Antuérpia.

(<sup>1</sup>) V. BALANDIER, *ob. cit.*, p. 463.

Segundo o próprio Dassy, a sua missão sobrenatural ter-lhe-ia sido revelada da seguinte maneira:

Até 1931 não sabia ler. Em 1932 sonhou que estava a ler o *Evangelho de S. João*. No dia seguinte pediu que lhe ensinassem o alfabeto e aprendeu a ler e a escrever em dez dias.

Em 1947, em Londres, compra uma *Bíblia*, que começa a estudar, e sente a Fé a aumentar dia a dia. Em 1948 volta para a África Equatorial. Em 5 de Julho desse ano, em Delisie, à meia-noite, apareceu-lhe uma luz e Jesus Cristo falou-lhe pela primeira vez.

Em 1951 entrou para o Salvation Army, onde se graduou em 14 de Julho de 1953.

A partir dessa data começa a pregar a sua doutrina, que intitulou «Missão do Profeta de Cristo n.º 2» (\*).

A si próprio denomina-se «libertador das consciências oprimidas pelos feitiços», afirmando ter recebido dons de Deus para trabalhar no serviço de Deus pela unidade e amor dos homens. Para esse fim combaterá quanto puder todos os feitiços e toda a espécie de más obras.

Num artigo que escreveu para um jornal de Ponta Negra, mas que não chegou a ser publicado, diz:

«A felicidade não consiste nos feitiços, na magia, mas em ficar bom cristão, filho de Deus. Nosso Pai promete-nos uma vida eterna e todas as maravilhas. Combaterei os feitiços, porque é um mandamento de Deus, adorando-os e tendo-os por ídolos. Portanto, quando doentes, em vez de irmos ao feitiço, devemos ir ao médico ou doutor, pois sabem mais. Devemos preferir o feiticeiro ao médico? Não.

Ora então, se um irmão, pela Graça de Deus, com simples água e orações, nos pode curar, sem exigir remuneração alguma, que mal há nisso? Cristo, depois de ter reunido os doze Apóstolos, deu-lhes poder sobre os demónios e poder de curar os doentes. E isto é ainda verdadeiro nos nossos dias. Eu, graças ao poder de Deus, curei a muitos, fiz com que muitas mulheres estéreis tivessem filhos e muitas deram à luz sem dor.

Isto é poder de um simples homem? Não. Mas procuremos a palavra e o reino de Deus e tudo nos será dado. Cumpramos a *Bíblia*, leamo-la, pratiquemos as leis e a caridade, voltemo-nos

(\*). O movimento também é conhecido pelos seguintes nomes: *Lassismo*; *Nzambi Bougie*; *Nzambi Kunguna* e *Nzambi Kungulo*.



para Deus, nosso Pai, que fará de nós um povo novo. Não deixemos para amanhã o que podemos fazer hoje, porque amanhã já será tarde. Aleluia, Aleluia».

Está-se, portanto, em presença de um movimento muito semelhante aos dois anteriormente descritos. Trata-se também de uma religião fundada por um negro com base no ensino recebido de uma organização cristã, neste caso o Salvation Army, que é de reacção contra o feiticismo tradicional, mas que também se afasta do cristianismo ensinado pelos Europeus.

Para uma mais perfeita ideia do seu carácter, vamos descrever a seguir os preceitos fundamentais da nova doutrina, seu ritual a simbologia que adopta e a respectiva organização.

Os preceitos fundamentais estão condensados em onze mandamentos, que são uma combinação de regras extraídas do *Velho* e do *Novo Testamento*.

O lassismo apresenta-se assim como uma tentativa de sincretismo religioso, o que é também característico dos movimentos profético-messiânicos.

Os mandamentos são os seguintes:

- 1.o Não matar;
- 2.o Não roubar;
- 3.o Não mentir;
- 4.o Não cortar nem ferir;
- 5.o Não praticar o adultério;
- 6.o Não praticar a poligamia;
- 7.o Não beber álcool;
- 8.o Não fumar;
- 9.o Não comer carne de porco;
10. Não adorar a muitos deuses;
- 11.o Não representar Deus por imagens ou feitiços.

Às infracções a estes mandamentos correspondem penalidades, desde a exclusão perpétua do culto (excomunhão) até à proibição de frequentar os ofícios, durante períodos mais ou menos longos.

O ritual é uma imitação do rito católico. Os ofícios têm lugar nas manhãs de domingo e de quarta-feira e todas as tardes, em templos construídos pelos fiéis, perante um

altar encimado por uma cruz cercada de seis velas. O oficiante, descalço, enverga uma sotaina de pano branco, com uma cruz vermelha no peito e outra nas costas.

Os actos do culto consistem na leitura e comentário da *Bíblia*, distribuição de água benzida pelo *profeta*, cânticos e danças colectivos. Terminam por uma colecta.

Os actos do culto podem ser presididos pelo próprio Lassy ou por *lugares-tenentes* por ele especialmente escolhidos. Só aquele, porém, tem o poder de curar, pela simples imposição das mãos ou fazendo os doentes absorver água por ele benzida.

Os cânticos são extraídos dos livros de cânticos protestantes e têm lugar em língua vili.

Na simbologia do lassismo reflecte-se também o carácter sincrético deste movimento. Na verdade, os símbolos normais usados nas vestes rituais e nos paramentos de altar são a cruz, o sol, a estrela e o crescente.

Reproduzem-se no final os trajos, cruzeiros e símbolos usados (v. gravuras n.ºs 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

A organização do lassismo como a da Missão dos Negros está perfeitamente hierarquizada.

O chefe supremo é Lassy, o profeta de Cristo, que a si próprio se intitula por vezes Papa. Só ele goza do poder de abençoar a água e de curar.

Subordinados a ele existem os pastores, recrutados de preferência entre catequistas das missões protestantes, e que são instruídos nos segredos da religião em cursos especiais dirigidos pelo próprio Lassy. Têm de saber ler e escrever e devem ter uma vida limpa.

Dentre os pastores, Lassy escolhe os seus lugares-tenentes, isto é, os que o podem substituir na direcção dos ofícios.

A sede principal do movimento é em Ponta Negra, onde Lassy possui uma residência construída com ofertas dos fiéis e onde está o templo principal (1).

f<sup>1</sup>) Este movimento apresenta muitas semelhanças com um outro referenciado por BALANDIER na Africa Equatorial Francesa e denominado *Uzambi Pungo* ou *Dieux-aux-Bougies* [V. GEORGES BALANDIER, *Afrique Ambigu\**, in «Les Temps Modernes», 12.º ano, n.º 126 (Julhode 1956), pp. 42 e segs.].

### 3. A Watch Tower

Em 1872 foi fundado por Charles Taze Russell, em Alleghany, Pensilvânia, um movimento religioso que, baseado numa determinada interpretação da *Bíblia*, atacava como falsas todas as religiões do Mundo, afirmando representar o verdadeiro cristianismo. O fundador do movimento pretendia que este fosse designado apenas pelo nome de «Cristãos», mas em breve ele se vulgarizou sob a designação de «Watch Tower».

Rapidamente, o movimento teve uma expansão enorme, conquistando inúmeros adeptos e espalhando-se por todo o Mundo, para o que contribuiu uma técnica perfeita de propaganda que utilizou os meios mais eficientes para a difusão de ideias.

Em 1879 apareceu o primeiro número de um jornal intitulado *Zions Watch Tower* (que ainda se mantém com o título de *Watch Tower*), do qual são publicadas edições em várias línguas, uma das quais em português, com o título *A Sentinela* <sup>(1)</sup>.

Em 1884, para dar ao movimento melhor organização e garantir a sua continuidade, foi fundada uma sociedade chamada «The Watch Tower Bible and Tract Society».

Em 26 de Julho de 1931, num grande congresso reunido em Columbus, Ohio, em que tomaram parte representantes da Watch Tower em todo o Mundo, foi decidido adoptar o nome de *Jehovah's Witnesses* (testemunhas de Jeová), que é o mais espalhado nos países de língua inglesa <sup>(2)</sup>.

O movimento tem já uma certa expansão em África e, em alguns pontos, é um sucedâneo das associações profético-messiânicas. Por isso convém analisar a sua doutrina.

Segundo os adeptos da Watch Tower, só existe uma verdadeira religião — a que foi praticada por Adão e Eva antes da expulsão do Paraíso Terrestre, e cujos preceitos se encontram na *Bíblia*, livro santo, directamente inspirado **por** Deus.

<sup>(1)</sup> Este jornal é editado no Rio de Janeiro.

<sup>(2)</sup> Além das duas denominações referidas, são correntes outras, **como**, por exemplo, *Dawnitas*, *Russelitas*, *Watch Tovrev People*, *Bible Students*, *Rutherforditas*, etc.

Entre os Africanos, o movimento é conhecido por vários nomes, dos **quais** os mais correntes são *Kitovter*, *Kitavrer* e *Kitawala*.

O nascimento das falsas religiões teve origem na desobediência do Querubim que Deus encarregou de velar por Adão e Eva, no Paraíso, pois foi ele quem, por orgulho, desejando ser adorado como Deus, encarregou a serpente de tentar Eva a comer o fruto da árvore do bem e do mal.

Desde então as falsas religiões (o catolicismo, as várias formas de protestantismo, o islamismo, etc.) têm dominado os homens, mas Deus prometeu o triunfo da verdadeira religião e tem encaminhado os acontecimentos do Mundo nesse sentido.

Antes do Dilúvio, foi Noé, o profeta, a quem Deus atribuiu a missão de defender a religião pura. Depois do Dilúvio esse encargo coube a Abraão e aos seus descendentes. Assim aparecem os Judeus investidos na missão de manter a religião pura, cabendo-lhes provar que só Jeová é verdadeiro Deus, todo poderoso. Os Judeus receberam, portanto, a missão de serem *testemunhas de Jeová*.

Esta missão foi desempenhada pelo povo judaico com intermitências. As forças do mal desencadeadas no Mundo, desde o pecado do primeiro homem, por vezes, tentavam-no e levavam-no a violar a aliança celebrada no monte Sinai, por intermédio de Moisés.

Quando estes desvios da verdadeira religião se verificavam, Deus castigava os Judeus — foi o caso do cativo de Babilónia —, mas, depois, enviava-lhes profetas para os trazerem de novo ao caminho da verdadeira fé.

Por último, enviou-lhes o seu único filho, o primeiro espírito celeste por ele criado — Jesus Cristo, nascido em 1 de Outubro, e não em 25 de Dezembro, como ensina a tradição cristã...

Ao contrário, porém, do que ensina o falso cristianismo, Cristo não encarnou para se fazer homem. Cristo não era um ser híbrido meio espírito, meio homem, pois Deus despojou-o de todas as suas qualidades celestes e depôs a sua vida no seio de uma Virgem da linhagem de David.

Assim se cumpriam as profecias e, mais uma vez, Jeová encaminhava o Mundo para o triunfo final da verdadeira religião.

A *época* em que este triunfo se deve verificar começou em 1914, pois a *época das nações* anunciada numa profecia de Michéas (5:1) começou 607 a. C, depois da conquista do reino de Judá pela Babilónia, e deve durar 2520 anos.

O triunfo da verdadeira religião será precedido de uma grande batalha, comandada por Jesus Cristo, contra as forças do mal — a batalha de Harmaguédon —, em que aquelas serão destruídas

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

e os demónios, comandados pelo anjo rebelde, precipitados num abismo.

Da destruição só escaparão as testemunhas de Jeová, em número de 144.000, às quais caberá serem os *príncipes* da Terra, não no sentido temporal, mas no sentido espiritual de chefes dos fiéis. Então desaparecerão do Mundo as divisões políticas e os governos e estabelecer-se-á uma teocracia mundial que durará mil anos.

Ao fim deste período as forças do mal serão libertadas do abismo em que estão encerradas e os homens serão sujeitos à prova de uma nova tentação. Os que sucumbirem serão aniquilados. Os que resistirem viverão felizes. As almas adquirirão a imortalidade. O reino de Deus estabelecer-se-á definitivamente no Mundo.

São estas as linhas gerais da doutrina religiosa da Watch Tower.

Do ponto de vista social e político, a doutrina é perigosa, pois conduz à rebelião permanente contra toda a autoridade constituída, por virtude de as considerarem produto apenas das forças do mal.

Na verdade, os governos, as organizações internacionais, o clero são considerados obstáculos ao triunfo da teocracia mundial e por isso devem ser destruídos.

A batalha de Harmaguédon será dirigida contra a actual organização do mundo, no campo nacional e no campo internacional.

A Besta do Apocalipse é a Organização das Nações Unidas, que pretende usurpar a função divina de garantir a paz (<sup>1</sup>).

A doutrina é tanto mais perigosa quanto é certo que as testemunhas de Jeová têm hoje uma expansão enorme.

A sede central é em Brooklyn, Nova Iorque. Conta, porém, setenta e oito filiais espalhadas por todo o Mundo, cada uma do-

<sup>1</sup>) A cortezã montada num dragão escarlate com sete cabeças e dez •cornos (*Apocalipse*, xn) é interpretada do seguinte modo: A cortezã simboliza as falsas religiões, tendo à frente a cristandade. O dragão representa as Nações Unidas, simbolizando as nações actuais que se opõem à teocracia mundial.

A literatura da Watch Tower é muito numerosa. Pode ler-se, porém um resumo muito completo da doutrina em *La religion a-t-elle servi l'hu-manité?*, publicado em inglês em 1951 e em francês em 1955 pela Watch Tower Bible and Tract Society, inc. Na edição inglesa foi tirado um milhão de exemplares!

tada de um centro tipográfico para a edição de literatura de propaganda.

A preparação dos propagandistas é feita num «seminário» ou «escola bíblica» em Galaad, nos Estados Unidos, o qual até ao corrente ano formou e enviou para o estrangeiro 1.814 missionários..

Em 1955 o número total de propagandistas que actuavam em todo o Mundo era de 642.929.

Neste mesmo ano foram distribuídos 2.927.062 volumes, 27.941.465 panfletos e 36.500.383 exemplares das revistas *Sentinela* e *Despertar*.

#### 4. Associações com fins mutualistas ou cooperativistas

##### A) *O Amicalismo:*

O movimento deste tipo que teve maior projecção na região de África que nos interessa é o movimento «amicalista» surgido na África Equatorial Francesa e que foi fundado em 1926 por André Matswa.

Nesse ano Matswa constituiu em Paris, com auxílio e reconhecimento oficiais, uma associação denominada «Société Amicale des Originaires de l'Afrique Equatoriale Française», cuja presidência assumiu.

Os fins da associação, oficialmente, eram mutualistas. Porém, transplantada para o Congo Francês (onde rapidamente se popularizou sob o nome de «Mikalé»), os fins mutualistas passaram a segundo plano e a organização começou a ser usada com fins políticos, como meio de corrigir a situação de inferioridade social dos Negros em relação aos Brancos. A sua actividade tomou carácter hostil contra os colonizadores e, em 1930, as autoridades francesas tiveram de intervir, prendendo e deportando Matswa e os seus auxiliares mais directos. O movimento continuou, porém, e Matswa, que já tinha sido posto em liberdade, foi de novo preso em 1940, morrendo na prisão em 1942.

A partir de então, o movimento começou a revestir carácter religioso, semelhante ao dos movimentos profético-messiânicos já descritos (\*).

(<sup>1</sup>) BALANDIER, *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*, pp. 397 e segs..

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

### *B) Os Lulua Frères:*

Outro movimento do mesmo tipo com certa projecção em Angola é a associação dos Lulua-Frères, que agrupa os indígenas da tribo Lulua e tem sede em Luluabourg, no Congo Belga, na província do Cassai, que confina com o nosso distrito da Lunda.

Os seus fins são a melhoria de situação do povo Ivulua, a elevação do seu nível moral, cultural e social e o auxílio mútuo.

Só podem ser membros efectivos da associação indígenas da tribo Lulua. Os Europeus podem ser sócios de honra ou sócios protectores.

A direcção é constituída por um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, um secretário, quatro conselheiros e dois comissários de festas, todos eleitos pela assembleia geral dos sócios efectivos. O seu mandato tem a duração de um ano e o presidente e o vice-presidente podem ser reeleitos. A eleição é feita por sufrágio directo, por maioria de votos.

Em cada centro populacional onde há núcleos importantes de Lulua é criada uma filial de associação que pode ter a categoria de secção ou subsecção.

As secções mais importantes funcionam nas províncias do Cassai, do Katanga e de Léopoldville.

Há subsecções no Ruanda-Urundi e secções na Rodésia, no Copperbelt, em Salisbúria e em Bulavaio.

Segundo informações colhidas junto das autoridades belgas, até hoje a associação não parece ter-se afastado dos seus fins estatutários.

## 5. Associações com fins políticos

Todas as organizações que anteriormente se estudaram têm, explícita ou implicitamente, fins políticos, mas apresentam-se como associações religiosas ou mutualistas. As associações que se afirmam com fins exclusivamente políticos são um produto do condicionalismo gerado pela última guerra, têm servido para enquadrar certos movimentos de tipo nacionalista e aproximam-se muito do modelo dos partidos políticos europeus ou americanos. Nos processos de acção, porém, procuram muitas vezes adaptar os métodos políticos ocidentais à maneira de ser e à cultura dos africanos.

Como exemplo mais típico é de citar a forma como o primeiro ministro da Costa do Ouro, Nkrumah, chefe do Partido Popular da Convenção, orienta a actividade dos filiados do seu partido, lançando mão de todos os meios susceptíveis de provocar estados emocionais de excitação, nomeadamente do cântico colectivo.

Para não alongarmos demasiadamente este trabalho, remetemos para um livro muito curioso — *Puissance Noire* —, do negro norte-americano RICHARD WRIGHX, que, embora escrito com grande falta de objectividade, descreve muito sugestivamente o que se está a passar na Costa do Ouro.

## 6. A estrutura e as características tradicionais das sociedades negras

Para compreensão do fenómeno das seitas é indispensável realizar o seu enquadramento na situação social vigente actualmente na África Negra. Esta situação, é, porém, produto de uma certa evolução. Torna-se, por isso, necessário analisar o ponto de partida dessa evolução, isto é, fazer o exame das características tradicionais das sociedades negras.

Tais sociedades não podem reconduzir-se a um modelo de tipo único. Possuem, porém, certas características gerais comuns que os etnólogos e sociólogos têm posto em relevo.

Só a essas características nos referimos e delas apenas às que possam interessar ao esclarecimento do fenómeno cujo estudo nos ocupa.

Destas, a mais relevante é a que se pode exprimir dizendo que o negro é profundamente colectivista.

Toda a sua vida decorre sob o signo do interesse colectivo, familiar ou tribal.

O interesse individual é-lhe desconhecido. O negro é sempre um elemento do grupo, que lhe garante a satisfação das suas necessidades materiais mais instantes e dos seus anseios espirituais mais profundos.

Este predomínio absoluto da colectividade sobre o indivíduo revela-se nas formas que revestem as instituições políticas e jurídicas, nas religiões e na crença na influência de forças sobrenaturais na vida humana. Pode mesmo dizer-se que é a necessidade de segurança contra as forças da natureza e contra as forças sobrenaturais que explicam em grande parte o colectivismo dos Negros.



O grupo social de base é a família, formada por todos os descendentes de um antepassado comum. Cada grupo familiar, porém, pode fraccionar-se e dar origem a novas famílias, quando as terras que asseguram o seu sustento se tornem insuficientes.

As novas famílias mantêm com a família originária certas ligações, manifestadas numa espécie de nome de nobreza, comum a todas as famílias provenientes do mesmo tronco. Assim se forma o «clã».

O clã pode constituir uma unidade política se as famílias que o formam, embora habitando e cultivando terras diferentes, se conservam na mesma região, unidas, portanto, por laços de vizinhança.

As funções do chefe do clã, nesta hipótese, são desempenhadas pelo *patriarca* da família originária.

Na hipótese de os novos grupos familiares terem emigrado para outras regiões, as ligações com a família originária limitam-se aos vínculos de carácter moral, baseados na recordação da ascendência comum, e exteriorizados no nome de família.

Quando vários clãs, embora com nomes de famílias diferentes têm antepassados que descendem de um tronco comum, forma-se, uma «tribo».

Pode suceder também que várias famílias de clãs diferentes habitem e cultivem terras contíguas. Então, geralmente, forma-se uma unidade política que já se não baseia numa ascendência comum.

Este fenómeno pode manifestar-se espontaneamente, em resultado da comunidade de interesses nascidos da vizinhança, ou da expansão dos povos mais fortes, pela conquista militar das terras dos povos mais fracos.

Na família, no clã e na tribo o indivíduo é simples unidade numérica cujos interesses estão subordinados ao interesse geral. Não se reconhecem interesses individuais opostos aos interesses colectivos.

De todos os agrupamentos mencionados, o mais coeso, o mais profundamente unido é a família, que remonta sempre a um antepassado comum a um indivíduo, portanto. Este, porém, é apenas o fundador do grupo. O direito às terras familiares foi obtido pelo antepassado, da divindade, em nome do grupo. A transmissão do direito do solo é feita a favor do grupo. Por isso, o chefe é o senhor da terra, no sentido de que a administra em nome da colectividade, que a usufrui em conjunto.

O carácter comunitário da sociedade familiar africana revela-se também expressivamente nos costumes que regulam o casamento. Este é um acordo entre famílias. O dote («lobolo» ou «alambamento»), quando não reveste o carácter de seguro de casamento, funciona como indemnização paga pela família do noivo à família da noiva, como compensação pela perda de um elemento economicamente útil.

A religião tem a mesma índole.

O patriarca é, simultaneamente, o sacerdote. Pelo facto de ocupar o lugar do antepassado é o único que pode servir de intermediário entre o grupo e o espírito do antepassado. Por isso, só ele pode levar a cabo eficazmente os sacrifícios propiciatórios que asseguram à colectividade a protecção da divindade.

É esta a razão fundamental que explica o sentimento de desamparo e de insegurança dos Negros fora da sua colectividade originária. B é ela que explica a instabilidade e o irrequietismo, pelo menos espiritual, dos que deixaram de praticar os costumes tribais, sem se civilizarem completamente. O único meio de que dispõe o Negro nestas condições, para se restituir a segurança perdida, é o recurso à «magia» ou à integração em novos grupos. A magia é o meio de tentar fazer agir por conta própria as forças sobrenaturais de que depende a segurança e o bem-estar.

A criação de novos grupos é o esforço no sentido de reencontrar o apoio da colectividade.

A análise deste fenómeno coloca-nos no centro do problema das organizações que constituem o objecto deste trabalho.

Para se estar de posse de todos os elementos necessários para fazer tal exame, alguma coisa nos falta ainda dizer a respeito das estruturas tradicionais das sociedades negras.

Na verdade, as sociedades que analisámos são «sociedades globais» em que se distinguem certas «sociedades especiais» típicas do colectivismo dos Negros.

Tais sociedades podem ser impostas pelo costume, e ter uma constituição rigidamente fixada pelas normas consuetudinárias, ou ser de origem voluntária.

À primeira categoria pertencem as «classes» e as «castas». À segunda, as «corporações de ofícios» e as «confrarias»<sup>1)</sup>.

(<sup>1</sup>) RENÉ MATJNIEP, *Sociologie Coloniale*. II. — *Progrés au Droit*, 1949, pp. 233 e segs.

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

As «classes» e as «castas» são divisões hierarquizadas e verticais da população. Os critérios de constituição mais frequentes são o «sexo», a «idade» e a «posição económica».

As «corporações de ofícios» são associações de indivíduos que exercem a mesma actividade social. Muito frequentes na África do Norte, mais raras na África Negra, delas se encontram, no entanto, alguns exemplos, como as já citadas sociedades de pescadores, de ferreiros e de caçadores.

As «confrarias» são associações de carácter religioso.

A esta categoria pertencem as associações místico-religiosas, a que já fizemos referência, e cuja função já analisámos.

### 7. Efeitos da colonização europeia

A estrutura social que acabámos de descrever sofreu profundas alterações por efeito da colonização. Hoje, o tipo predominante das sociedades africanas é o da «sociedade plural», formada pela justaposição paralela de diversos grupos sociais que se interinfluenciam, dando lugar a uma sociedade global que compreende os grupos sociais menores, sem, no entanto, anular a individualidade própria de cada um deles.

Efectivamente, a constituição típica das sociedades africanas actuais é, em esquema, a seguinte:

a) Um grupo formado pelos descendentes dos primeiros colonos e por outros elementos provenientes do estado colonizador ou de outros estados do mesmo tipo étnico e cultural.

Este grupo, embora numericamente reduzido, é o dominante do ponto de vista social. Por comodidade pode denominar-se o grupo dos colonos ou dos civilizados.

A ele se agregam naturalmente os elementos provenientes dos grupos nativos que assimilaram a cultura dos colonizadores, desde que se não adopte uma política de separação ou segregação racial.

b) O grupo formado pelos nativos que conservam a cultura tradicional e que se mantêm integrados nas organizações sociais próprias. É o grupo numericamente mais importante, mas socialmente dominado.

Por comodidade pode denominar-se o grupo dos indígenas ou nativos primitivos.

Por influência do contacto com a cultura dos colonizadores, e sob a acção do processo educativo que estes puseram em curso, tende a descaracterizar-se.

Se a política adoptada for a de integração ou assimilação, acabarão por ser absorvidos pelo primeiro grupo.

c) O grupo formado por aqueles elementos das populações nativas que estão a sofrer um processo de evolução cultural.

Estes já não podem considerar-se indígenas ou nativos primitivos, porque não conservam a cultura tradicional nem acatam a disciplina clânica ou tribal. No entanto, também não podem considerar-se integrados no grupo dos colonos, porque ainda não assimilaram a parte fundamental da cultura destes, ocupando uma situação marginal entre os dois grupos. Por isso os sociólogos modernos lhes chamam «homens marginais». Dá-se-lhes também o nome de «destribalizados», por se terem desenraizado da tribo.

São hoje em grande número em toda a África Negra, concentrando-se principalmente nas cidades.

d) Os grupos formados por elementos extra-europeus, principalmente asiáticos, que em grande número emigraram para certos territórios africanos. É o caso dos Libaneses na Guiné, dos Monhés em Moçambique e dos Indianos no Quénia e na União Sul-Africana.

e) Por vezes, principalmente nos territórios em que se adoptou uma política de separação ou segregação racial, ainda se pode individualizar um outro grupo — o dos mestiços. B o caso dos *coloured* do Cabo.

O que mantém a paz entre todos estes grupos sociais e assegura a unidade do conjunto é a autoridade exercida pelos colonizadores, a qual se exprime em quadros políticos e jurídicos gerais e comuns a todos, mesmo quando é consentida uma certa especialidade de organização social e de direito.

Não se pode, porém, esquecer que o contacto entre os vários grupos é o contacto entre portadores de culturas diferentes, quer dizer, é, em última análise, um contacto de culturas.

Este contacto produz efeitos diferentes, dos quais os mais importantes são os efeitos de transformação e os efeitos de protesto.

Os efeitos de transformação traduzem-se na adopção recíproca de usos dos grupos em contacto. Os mais típicos, porém, são os que resultam da imitação pelos nativos primitivos dos usos dos civilizados.

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA ÁFRICA NEGRA

A esta imitação, que é a mais intensa e que produz a evolução cultural dos primitivos, dá-se o nome de imitação de baixo para cima.

A sua forma extrema é a «assimilação».

Opõe-se-lhe a imitação pelos civilizados de hábitos dos primitivos (imitação de cima para baixo). É muito menos intensa do que a primeira e à sua forma extrema dá-se o nome de «cafrealização».

Os efeitos de protesto consistem na reacção contra a situação de dominação social dos colonos. São, portanto, efeitos que se produzem sempre de baixo para cima e variam de intensidade, podendo ir da rebelião armada até à resistência passiva.

É nesta categoria de efeitos que se integram as transformações-sofridas pelas sociedades místico-religiosas do tipo primitivo, a formação de sociedades deste tipo de forma primitiva, mas de conteúdo novo, a formação dos movimentos profético-messiânicos, o *amicalismo* e o aparecimento das associações de tipo político.

Para se enquadrarem estes fenómenos nas sociedades negras e se fazer a sua interpretação correcta é, pois, indispensável fazer uma análise mais detida daquelas duas Categorias de efeitos.

Os efeitos de transformação mais importantes a ter em consideração são os que respeitam à organização política, à organização familiar, à vida económica e às crenças religiosas.

Analisaremos estes tipos de efeitos, procurando pôr em relevo a influência exercida na determinação da situação social, que, por sua vez, determina os efeitos de protesto em que se integra o fenómeno que estudamos.

Sem que isto represente subordinação a uma concepção materialista da vida, começaremos a análise pelos efeitos de transformação verificados na vida económica, e isto por duas razões.

Em primeiro lugar, a colonização, mesmo quando tem origem em motivos de ordem espiritual, na prática, começa por contactos de ordem económica. Em segundo lugar, as alterações verificadas nos sistemas económicos dos nativos são as que mais directa e fortemente atingem as estruturas sociais, repercutindo-se imediatamente sobre a organização política e a organização familiar e imediatamente sobre as concepções religiosas.

As transformações da vida económica atingem, portanto, directamente a base de toda a organização social e têm, pelo-

menos sob certos aspectos, como poderoso coadjuvante da sua amplitude e profundidade, o interesse dos próprios nativos. Para se compreenderem em todos os seus efeitos é necessário ter presente que, estando a vida dos Negros dominada por um profundo colectivismo, na economia africana o interesse individual é ignorado. O princípio edonístico não desempenha papel de relevo.

A economia é, pois, uma economia de grupo, fechada, orientada apenas para assegurar a subsistência dos membros do grupo, mas dentro do grupo. A troca directa ou indirecta com a ideia de lucro é desconhecida.

Na família, no clã ou na tribo, o indivíduo desempenha uma função de interesse colectivo, segundo um critério de especialização, por sexos.

Nos povos de agricultores à mulher cabe semear, cuidar das sementeiras, colher e preparar os alimentos e cuidar dos filhos; ao homem preparar o solo para as sementeiras, caçar, pescar e fazer a guerra.

Nos povos pastores o homem guarda os rebanhos, caça, pesca, faz a guerra. A mulher prepara os alimentos, faz a pequena agricultura complementar e cuida dos filhos.

Dentro deste ciclo, a satisfação de todas as necessidades está perfeitamente assegurada e a vida decorre segundo um ritmo inalterável que representa a adaptação, ensinada pela experiência, às condições do meio.

Cada clã ou cada tribo tem, pois, a sua economia própria, de tipo autárquico.

Esta situação modificou-se inteiramente com a colonização europeia, e isto por duas ordens de causas: em primeiro lugar, a procura pelo Europeu de produtos indígenas; em segundo lugar, a procura de mão-de-obra.

E evidente que a primeira ordem de causas insere no sistema económico descrito um elemento perturbador do seu equilíbrio. Os membros do grupo são solicitados a uma actividade que sai fora dos quadros tradicionais.

A primeira forma que esta solicitação revestiu foi a da permuta.

O colonizador chegava, oferecia os produtos que trazia, e que tinham alto valor para o nativo, em troca de produtos locais.

Depois, quando se instalou e estabilizou o seu domínio, começou a organizar a economia em novas bases, segundo o modelo europeu. Da permuta passa-se à compra. Quer dizer, introduz-se um novo elemento de perturbação das economias locais — a moeda.

Esta acção perturbadora cedo começou a ser reforçada com a acção da segunda ordem de causas — a procura de mão-de-obra.

Numa primeira fase, quando a fórmula jurídica corrente para organização do trabalho nas colónias era a escravatura, as duas ordens de factores, sob certo aspecto, confundiam-se, pois o nativo procurado para prestar trabalho era, simultaneamente, objecto de um comércio. A perturbação causada pelas causas de desequilíbrio já referidas, acrescia o interesse económico ligado ao tráfico de escravos, que fomentava as guerras entre as tribos e desfalcava esta de muitos elementos economicamente úteis.

Mas, ultrapassada a escravatura, quando o nativo começou a ser procurado para prestar trabalho livre, as causas de perturbação, embora de outra ordem, mantiveram-se. Desenvolve-se o gosto e o hábito do dinheiro, fomenta-se o interesse individual, atingem-se, portanto, nos seus alicerces, os sistemas económicos tradicionais.

A estas duas ordens de causas cedo vem acrescentar-se outra.

Quando na colonização se ultrapassam as fases do comércio e de exploração, segundo o sistema do pacto colonial, é-se forçado a integrar o produtor nativo na economia geral do território.

Esta relevância dada ao produtor indígena é devida a razões de ordem económica e social.

De ordem económica, porque, havendo géneros cuja produção é fracamente remuneradora, o Europeu, com as suas exigências de civilizado, não pode produzir senão degradando-se socialmente, reduzindo-se a um nível de vida baixíssimo.

De ordem social, porque a colonização, sendo, além de actividade económica, uma função, impõe que se eleve o nível de vida do nativo, não só no aspecto moral e intelectual, mas também no aspecto material. A elevação do nível de vida neste aspecto é, até, condição de elevação dos níveis moral e intelectual das populações.

Por outro lado, é evidente que, se se quer evitar que a situação de «destribalizado» ou de «homem marginal» se torne permanente, é indispensável criar uma classe economicamente estável, que vá absorvendo os que abandonam a tribo.

Esta acção orienta-se sobretudo para a criação de uma classe de proprietários rurais, o que implica uma alteração estrutural do regime tradicional do solo, que, como já se disse, assenta na usufruição colectiva.

Acresce ainda a tudo isto que, depois da última guerra, tem havido a preocupação, por parte de alguns países, de tornar extensivas aos nativos as instituições de protecção dos trabalhadores que vigoram na metrópole.

Um deles é o sindicato, que já funciona nos territórios franceses, e britânicos, e que começa a organizar-se no Congo Belga.

O enquadramento no sindicato, na maior parte dos territórios, está longe de corresponder a uma consciencialização das massas-de-trabalhadores. Só os mais evoluídos compreendem o verdadeiro alcance e utilidade da sindicalização, mas, mesmo assim, utilizam quase sempre os quadros sindicais apenas para manobras-políticas dirigidas contra os colonizadores.

A grande massa anónima, porém, sofre do sindicato nova influência desagregadora, porque o que ela vê e compreende perfeitamente é que a autoridade tribal não tem qualquer poder sobre a nova organização.

A estes agentes transformadores, que são os de acção mais intensa, outros crescem, como seja o adestramento em novas técnicas profissionais, a habituação ao uso de objectos que não podem encontrar-se no meio tribal, a aquisição de novos costumes quanto ao vestuário, à alimentação e à habitação, etc.

Assim como para estudar os efeitos de transformação dos sistemas económicos dos nativos se tem de ter sempre presente a feição comunitária daqueles sistemas, para se estudar os efeitos de ordem religiosa, é preciso não esquecer que nenhum aspecto da vida do Africano é estranho à religião. Esta impregna todas as suas actividades que decorrem dentro de um sistema de inibições, sempre, directa ou indirectamente, de origem religiosa. Portanto, qualquer alteração nos sistemas tradicionais de vida repercute-se nas crenças, assim como o enfraquecimento destas se reflecte imediatamente na disciplina social.

Daqui resulta que o proselitismo religioso e a acção missionária têm de ser conduzidas em profundidade, por forma a obter-se a real conversão dos nativos.

Quando isto se consegue, dá-se o passo mais importante para a transformação cultural, pois o nativo convertido desliga-se da

P) V. a este respeito P. PIERRE CHARLES, *Les sociétés africaines devant la législation du travail*, in *Revue Internationale du Travail*, n.º 4, Abril de 1952.



parte mais importante da cultura tradicional e está pronto a completar a sua evolução cultural integral.

Os Portugueses, no século XVI, tiveram a intuição desta verdade, e por isso a política colonial portuguesa teve como constante a equiparação política e jurídica do nativo cristianizado ao português de origem. Claro que este princípio, que se pode considerar como resultante da nossa experiência colonizadora, tem a sua recíproca.

A acção missionária superficial, realizada apenas em extensão, não conduz à conversão real dos nativos, fá-los perder as crenças tradicionais e apressa a desagregação da tribo. E, pois, socialmente perigosa, porque o nativo destribilizado, por este processo, liberta-se da disciplina formada pelas inibições religiosas e não fica sujeito a uma nova disciplina do mesmo tipo, isto é, que actue de fora para dentro, conformando-lhe o moral.

Este resultado, mesmo quando o proselitismo religioso é intenso, tem de se produzir necessariamente, atingindo grandes massas de nativos, dadas as condições em que decorre a missionação.

Na verdade, as rivalidades religiosas dos colonizadores reflectem-se na forma como está organizada a actividade missionária.

Em primeiro lugar, a rivalidade entre católicos e protestantes; depois, as rivalidades entre as várias igrejas protestantes.

Ao nativo não é, portanto, ensinada uma só «verdade» religiosa, mas várias, entre as quais tem de escolher.

Claro que, para a sua mentalidade de primitivo, não é fácil compreender como é que os Brancos, que lhe ensinam que há um só Deus verdadeiro, estão divididos quanto à forma de o adorar.

A divisão religiosa enfraquece, portanto, a missionação e contribui para o resultado acima descrito.

Ao mesmo conduz o princípio do «livre exame», comum a todas as seitas protestantes.

Pois se, através do exame livre e directo das sagradas escrituras, os Brancos atingem a sua verdade religiosa, porque é que os Pretos não hão-de do mesmo modo procurar no *Livro Santo* a «sua» verdade?

Daqui à constituição de igrejas separatistas só para Negros vai um passo, que, como se disse, já foi dado.

Os efeitos de transformação verificados na religião dos nativos articulam-se, portanto, com os efeitos operados nos sistemas económicos, reforçam-nos e ampliam-nos, porque operam a sua extensão ao lado moral da vida.

Da análise anterior já se viu que as alterações verificadas na economia e na religião se traduzem necessariamente em alterações na estrutura das sociedades negras.

Em primeiro lugar é atingida a estrutura familiar, depois, por reflexo, a estrutura política.

Já se indicaram as características fundamentais da família africana.

É evidente que essas características não podem manter-se quando o interesse individual dos membros do grupo começam a opor-se ao interesse colectivo.

Quando tal sucede, está comprometida a autoridade do chefe de família e esta tende a dividir-se em famílias, já não de tipo patriarcal, mas constituídas apenas com base na consanguinidade.

As famílias assim constituídas são, geralmente, muito pouco estáveis, porque lhes falta a base sólida da disciplina moral.

Na verdade, os sistemas da moral tradicional deixam de ser praticados pelas razões já indicadas e, de resto, não previam as novas situações. A moral correspondente, que é a moral europeia de base cristã, não é aceite e praticada.

Nas situações descritas acima a traços largos inserem-se por vezes costumes antigos que continuam a ser praticados, mas já desprovidos do seu conteúdo.

É o caso, por exemplo, do dote. Este, que superficialmente tem sido equiparado à escravatura, por se considerar o preço da mulher, desempenhava uma função social bem definida.

Umás vezes, era a compensação à família da mulher pela saída desta; outras, uma espécie de «seguro de casamento», funcionando como garantia de que o marido cumpriria os seus deveres para com a mulher e os filhos.

Alterada a estrutura familiar, estas funções obliteraram-se e o dote passou a funcionar apenas como fonte de rendimento para a família da mulher. A manutenção do costume em muitos casos justifica-se apenas por esta razão, e por isso mesmo é um elemento perturbador, pois cria nas gerações novas um sentimento de revolta contra os velhos, que lhes dificultam a constituição de família e os exploram.

Claro que tudo o que se descreveu se reflecte necessariamente nas organizações clânica e tribal, as quais têm na sua base a família.

Para a destruição das estruturas políticas contribui, porém, mais directamente uma outra ordem de factores. A ocupação dos

territórios coloniais determina, por vezes, efeitos de protesto violento, rebeliões armadas, que tiveram de ser dominadas pela força, provocando o enfraquecimento ou aniquilação das unidades políticas mais fortes.

Na fase seguinte, quando se passou à organização da administração do território, procurou-se integrar as autoridades nativas tradicionais na organização política e administrativa geral.

Daqui resultou uma alteração substancial da posição destas autoridades, que deixaram de exercer um poder em nome próprio, segundo os costumes tribais, para exercerem um poder delegado conferido pelos colonizadores e que se mantém apenas enquanto os chefes nativos merecem a sua confiança.

Os chefes passaram a ser olhados pelas populações já não como aqueles que, segundo a tradição, deviam deter o poder, mas como aqueles que o detêm, porque assim o querem os Brancos.

Este fenómeno acentua-se, uma vez que os chefes começam a exercer novas funções que o costume lhe não atribuía, e que são as que resultam da necessidade de colaborar na administração geral, como auxiliares dos administradores europeus. E certo que, salvo as raras hipóteses de administração directa pura, os sistemas de administração foram delineados com base no princípio do respeito pelos costumes políticos das populações. A execução desse princípio, porém, na prática sofre muitos desvios, como resulta do que anteriormente se disse.

A isto acresce que muitas vezes as autoridades europeias, além de não respeitarem os usos e costumes para a escolha e investidura dos chefes, desprestigiam pela sua acção os chefes instituídos.

Estes factos contribuem para o processo de desagregação que temos vindo a descrever e têm efeitos secundários. O mais importante é o da constituição à margem da hierarquia oficial de uma hierarquia clandestina que dispõe do poder efectivo.

## **8. Enquadramento e interpretação das associações estudadas**

O efeito global mais importante de todos os factores que acabam de ser postos em relevo é a instabilidade das sociedades africanas.

Encarada no plano colectivo, esta instabilidade traduz-se na fragmentação das unidades políticas em pequenas unidades, quase sempre correspondendo a uma família ou a um reduzido número de famílias e na emigração para os núcleos urbanos.

Do ponto de vista individual, o que mais interessa pôr em relevo é que o fenómeno de desagregação das sociedades tradicionais se traduz num sentimento geral de insegurança, que se explica pela perda da protecção do grupo, com o seu sistema económico e as suas divindades tutelares.

A este sentimento de insegurança acresce um sentimento de frustração, particularmente nos nativos mais evoluídos, quando, por política ou espontaneamente, o meio social dos civilizados se lhes manifesta hostil, impedindo a sua integração e, conseqüentemente, o seu progresso social.

As conseqüências destes dois sentimentos são, por um lado, a tendência para se reagruparem, segundo novas fórmulas, para readquirirem a segurança perdida; por outro, a tendência para transformar os novos grupos em instrumentos de luta contra a situação de inferioridade social em que se encontram.

Um outro aspecto que a este respeito interessa pôr também em relevo é o desejo crescente que se nota entre os nativos evoluídos de, por todas as formas, aumentarem a sua instrução literária e a sua preparação profissional.

O que se acaba de escrever já permite realizar o enquadramento dos movimentos estudados na situação social actualmente existente na África Negra e, simultaneamente, esboçar uma teoria interpretativa.

Todos os movimentos referidos (exceptuados, é evidente, os de forma e conteúdo primitivos) são fenómenos de transição, próprios de sociedades que estão a sofrer um processo evolutivo, conseqüência das influências culturais que começaram a sofrer com o início da colonização e que continuam a desenvolver-se.

Os factores profundos que estão na sua origem são os sentimentos de insegurança e de frustração que já referimos.

O enquadramento de tais movimentos na situação social do povo africano só pode fazer-se, portanto, considerando conjuntamente todos os factores que foram analisados, e que estão na origem daqueles sentimentos.

Basta, pois, fazer a síntese do que atrás se disse. Os factores que estão na origem dos movimentos sociais estudados são, portanto:

- a) A transformação em curso dos sistemas económicos tradicionais;

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

- b) A perda de crenças religiosas sem que mes corresponda a conversão real e profunda às religiões ensinadas pelos colonizadores;
- c) A transformação da sociedade familiar e a sua crescente instabilidade;
- d) A destruição das estruturas políticas;
- e) Os obstáculos opostos à integração dos nativos na sociedade dos colonos;
- f) O desejo de compensar a falta de segurança individual, proveniente da perda das crenças tradicionais e da destruição das estruturas familiar e tribal;
- g) O desejo de compensar uma situação de inferioridade social.

### 9. Conclusões

Qual a política a seguir quanto aos movimentos associativos descritos?

O estado de espírito que eles revelam não pode eliminar-se só pela repressão. É evidente que esta é indispensável quando tais movimentos originam práticas criminosas, como no caso dos Mau-Mau. Tem, porém, de se actuar com a prudência necessária para não criar mártires pois isso só contribui para maior expansão dos movimentos.

A acção repressiva deve, portanto, ser acompanhada de um esforço sério e persistente com o objectivo de eliminar os factores que determinam os fenómenos estudados.

Estes, tais como hoje se manifestam, são características de sociedades que estão a sofrer os efeitos de um processo evolutivo. Mantê-las durante muito tempo na situação de transição em que se encontram é favorecer a formação dos sentimentos de frustração e de insegurança que já descrevemos.

Claro que tais sentimentos hão-de verificar-se sempre como efeito natural de certos estádios de evolução dos povos africanos. Podem, porém, neutralizar-se, acelerando a evolução e dando ao indígena a certeza de que a sua inferioridade social desaparecerá no dia em que vencer o seu atraso cultural.

Dar carácter permanente a essa situação de inferioridade é levá-lo a procurar, por si, eliminar as causas de inferioridade, fora dos quadros sociais definidos pelo colonizador.

Como se disse, os novos movimentos associativos africanos são uma forma de reacção do colonizado contra o colonizador.

Essa reacção desaparecerá ou, pelo menos, atenuar-se-á, desde que ao nativo apareça, como meio certo de elevação na hierarquia social, a integração na cultura dos colonizadores.

Mas quais os meios de atacar directamente os factores concretos que estão na origem do fenómeno estudado?

Referindo-se em especial às seitas anióticas, JOSET aponta como meios de as combater os seguintes:

1.º Nunca esquecer que o factor humano deve prevalecer sempre sobre o económico e que, por isso, a atenção dos governos deve incidir especialmente sobre os problemas humanos;

2.º Promover a intensificação da investigação científica em Africa, com o objectivo de conhecer o melhor possível o mecanismo da vida social, política, económica e religiosa das populações africanas;

3.º Evitar a supressão brusca dos costumes tradicionais;

4.º Melhorar o funcionamento das jurisdições indígenas, que, melhor que quaisquer outras, poderão decidir os litígios entre indígenas;

5.º Desenvolver o mais possível a educação cívica, por meio de um ensino oficial laico, o único, afirma, capaz de fazer compreender às populações africanas os seus direitos e deveres.

Um ensino desta índole teria a virtude de libertar os africanos dos dois sexos de preconceitos e superstições.

Discordamos em absoluto da orientação definida no n.º 5.º

Um dos mais graves óbices à compreensão dos colonizados pelos colonizadores é a incapacidade destes para compreenderem que estão a lidar com povos cuja vida está profundamente impregnada de sentimentos religiosos.

Os movimentos proféticos ou messiânicos são um esforço quase desesperado de homens cuja vida decorreu sempre sob o signo do sobrenatural, mas que perderam a fé nas divindades tradicionais, em busca de novos valores religiosos.

Um dos meios de os evitar é restituir a Fé aos nativos.

E esta a grande tarefa que compete às missões católicas.

Só a acção conjugada do Estado, com as suas autoridades, e das Missões, por meio dos seus sacerdotes, poderá eliminar as causas de tensão social que explicam os novos movimentos associativos.

Para isso é indispensável que os Estados colonizadores con-

## MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA AFRICA NEGRA

servem a fé na superioridade da missão que desempenham em África e orientem todos os elementos de acção de que dispõem, sem se deixarem entibiar pelos preconceitos anticolonialistas em voga.

Quanto às missões católicas é indispensável que intensifiquem -o seu ministério.

Como se disse, os movimentos estudados, e principalmente os messiânicos, são uma forma de reacção contra o processo de desintegração em curso nas sociedades africanas.

Esta desintegração é resultado de elementos contraditórios ■ que a difusão da cultura europeia inseriu nas culturas negras: oposição de pagãos e cristãos, aquisição da noção de interesse individual, emancipação das mulheres da disciplina tradicional, desagregação da família indígena, etc.

Tais causas só podem ser neutralizadas pela restituição aos indígenas da crença em valores morais e sociais que possam servir de base a uma nova disciplina.

Para tanto é indispensável que a missão civilizadora, no campo laico e no campo religioso, continue a desenvolver-se com a consciência bem nítida de que o seu exercício é não só um direito de certos povos mas um dever que a Religião, a Moral e o Direito lhes impõem.

## RÉSUMÉ

A cet étude, l'auteur, professeur à l'Institut Supérieur d'Études d'Outre-Mer à Lisbonne et membre du Conseil Orientateur du Centre d'Études Politiques et Sociales du Ministère d'Outre-Mer, s'occupe de l'analyse de certains mouvements associatifs, qui actuellement se vérifient entre les populations de l'Afrique Noire.

Les mouvements étudiés se classifient en trois groupes:

- a) Associations mystiques-religieuses;
- b) Associations aux buts mutualiste et coopérativiste;
- c) Associations aux buts politiques.

Les mouvements du premier groupe se divisent en associations mystiques-religieuses avec forme et contenu primitifs, associations mystiques-religieuses avec forme primitive et contenu nouveau et associations mystiques-religieuses de type prophétique-messianique.

Parmi les mouvements appartenant à la première catégorie on comprend les sectes aniotiques ou sociétés de l'homme léopard; parmi les seconds, le mouvement Mau-Mau, qui est amplement analysé.

Dans les troisièmes sont incluses les églises séparatistes, desquelles sont décrites le «Kimbanguisme», la Mission des Noires et le «Lassisme», apparu depuis peu en Afrique Équatoriale Française.

A propos de ces mouvements l'auteur se rapporte encore à Watch Tower, qui exerce une remarquable influence sur la formation d'églises séparatistes, et qui, en certains cas, leur sert de succédané.

Des associations aux buts mutualistes ou coopérativistes on étudie l'Amicalisme et les «Dulua Frères».

53

SILVA E CUNHA

Parmi les associations aux buts politiques sont compris les partis politiques nativistes de quelques territoires africaines après la dernière guerre mondiale, tel que le Parti Populaire de la Convention de Gold Coast.

Après avoir écrit les mouvements énoncés, l'auteur cherche leur causes en exposant la structure et les caractéristiques traditionnelles des sociétés noires et les effets de la colonisation européenne.

Il désigne comme des facteurs plus significatifs dans la formation de ces mouvements:

- a) Les transformations en cours des systèmes économiques traditionnels;
- b) l'affaiblissement des croyances ancestrales n'étant pas suivi d'une vraie et profonde conversion aux religions enseignées par les colonisateurs;
- c) La transformation de la famille et sa croissante instabilité;
- d) La destruction des structures politiques;
- e) Les obstacles opposés à l'intégration des natives dans les sociétés des colons;
- f) Le besoin de compenser le manque de sûreté individuelle résultant de la perte des croyances traditionnelles et de la destruction des organisations familiale et tribale;
- g) Le désir de compenser une situation d'infériorité sociale.

L'auteur finit en décrivant les lignes générales de la politique à suivre pour neutraliser les mouvements décrits.

Celle-ci doit s'appuyer dans l'intensification de l'action civilisatrice et du prosélytisme religieux et dans la rapide intégration des natives dans la société des colons, à fin d'éviter le prolongement des situations marginales, lesquelles sont favorables à la formation de ces mouvements.



## SUMMARY

In this study, the Author, who is Professor of the Institute of Overseas Studies in Lisbon and member of the Orientator Council of the Center of Political and Social Studies of the Overseas Office, analyses certain associative movements that exist at present among populations of Black Africa.

The movements studied are classified in three groups:

- a) Mystico-religious associations;
- b) Associations with mutual or cooperative aims;
- c) Associations with political aims.

Movements belonging to the first group are divided into mystico-religious associations of a primitive form and content, mystico-religious associations of a primitive appearance and a new content and mystico-religious associations of a prophetic--messianic type.

In the movements of the first category are included aniotic sects or the society of the leopard man; in the second is the Mau-Mau movement, which is extensively analysed; in the third are included separatist churches.

Among these, are described the «Kimbaguismo», Black Mission and the «Lassismo», which appeared recently in French Equatorial Africa.

Concerning these movements, the Author also refers to the Watch Tower, which has exerted marked influence on the formation of separatist churches and which, in some cases, had been their succedaneum.

Among associations with mutual or cooperative aims, «Amicalismo» and «Lulu Freres» are studied by the Author.

In the number of associations with political aims are included native political parties, which appeared in some African territories since the last war, such as the Popular Party of the Convention of the Gold Coast.

55

After having described the indicated movements, the Author analyses their causes showing the structure and traditional characteristics of black societies and the effects of European colonization.

He indicates as the most important factors in the formation of the three movements:

- a) Transformations produced in traditional economic systems;
- b) The weakness of ancestral faith, unless this fact corresponds to a real and deep conversion to religions taught by colonizers;
- : = c) Transformation of the family society and its increasing instability;

d) Destruction of political structures; : e) Obstacles opposed to native integration in the communities of the colonizers;

f) The wish of compensating the want of individual safety arising from the lost of traditional faith and the destruction of familiar and tribal organisation;

g) The wish of compensating a situation of social inferiority. : The Author finishes by describing in general lines the policy to be followed to neutralise the movements described.

This must rest on the intensification of civilising action and of religious preaching and on rapid native integration in the colonizers' society, avoiding the prolongation of marginal situations which are favourable to the formation of these movements.



*Um grupo de chefes Kikuyo*



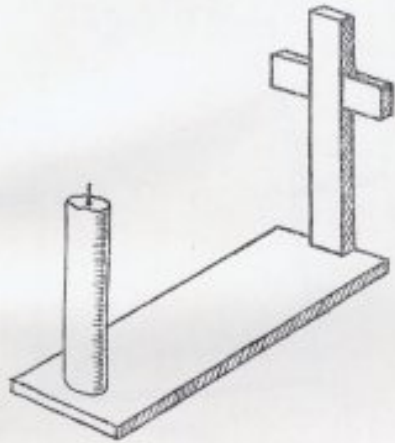
*Lassy paramentado para uma cerimónia*



*Símbolos do Lassismo*



*Símbolos do Lassismo*



*Cruzes usadas no culto Lassista*



Frente



Costas

*Vestes dos adeptos do Lassismo*



fronto



Costas

*Vestes de adeptos do Lassismo*



Frente



Costas

*Vestes de adeptos do Lassismo*





Frente



Costas

*Vestes de adeptos do Lassismo*